

## OBITUÁRIO



Wagner de Mello Elias  
(★05/01/1961 - †26/08/2013)  
*In memoriam*

Wagner de Mello Elias interrompeu sua intensa colaboração com a Universidade Federal de Uberlândia em 26 de agosto de 2013. Tendo ingressado na Universidade Federal de Uberlândia, como professor efetivo, em 10 de junho de 1998, Wagner de Mello Elias desempenhou importantes funções junto ao Departamento de Filosofia (hoje Instituto de Filosofia) e ao Curso de Graduação em Filosofia; também muitas coisas teriam que ser ditas para fazer jus a sua dedicada e intensa participação junto à Revista Educação e Filosofia. No entanto, no espaço desse obituário, destacaremos apenas alguns aspectos de seu perfil de homem de estudos: seu trabalho original de doutorado, seus hábitos de estudo conjugados ao zelo com as disciplinas ministradas, sua participação na comissão de biblioteca, sua

atuação como coordenador do curso de graduação, e sua dedicação às tarefas editoriais da Revista Educação e Filosofia.

Infelizmente, quando de seu passamento, sobre a escrivadinha de Wagner de Mello Elias ficou impressa cópia completa e revisada de sua tese de doutorado, pronta para ser depositada. Wagner de Mello Elias continuou a trabalhar nesse texto-problema anos a fio, concentrando-se particularmente na III Parte do *Leviatã* de Thomas Hobbes, que era examinada a partir da própria teoria do conhecimento desse autor. Esse texto entrelaçava os temas que mais afligiam seu pensamento, a saber: religião natural, religião revelada, poder político, filosofia. A religião natural é um tema absolutamente comum de metafísica e filosofia geral. Mas não o é a religião revelada. Aliás, a religião revelada é objeto, no pensamento contemporâneo, geralmente da antropologia e da sociologia, que a têm enfrentado sob os desafios da pesquisa empírica. A filosofia a trata com olhar distante e pouco convidativo, como se somente juízos de valor fossem possíveis acerca desse objeto. No fundo, não interessava a Wagner de Mello Elias tanto a religião revelada, mas um traço que a tem acompanhado durante toda a sua história e que pode ser constatado tanto empiricamente como conceitualmente. Trata-se de algo que emergiu com dificuldade, mediante a lenta e persistente paciência de suas pesquisas, e que ele definiu como “poder eclesiástico”. Havia também a imensa dificuldade de se definir as pessoas que detinham esse poder, que Wagner de Mello Elias acabou designando, depois de testar várias alternativas, como “os eclesiásticos”. Ou seja, são membros que representam espiritualmente uma comunidade, sobre a qual exercem poder e a quem os outros membros devem obediência. Trata-se de um poder paralelo ao do Estado no interior do próprio Estado. Quando foram interrompidas suas reflexões, Wagner de Mello Elias dizia que a III Parte e a IV Parte do *Leviatã* compunham para ele um tipo ideal, que lhe serviria para compreender comparativamente outros entrelaçamentos possíveis entre o poder político do Estado e o poder temporal das igrejas. No seu Lattes ficou registrado, por ele, que trabalhava com os seguintes temas: “poder eclesiástico, república, natureza humana, imaginação, Bíblia e legitimidade”. É raro um filósofo assumir que trabalha explicitamente com a Bíblia. Aliás, um tema que o animava na conversação eram as diversas versões desse texto. Então, de fato, ele

tinha gosto pela Bíblia. Mas os olhos acadêmicos de quem lê isso em um Lattes inquirem: de quem se trata, qual o perfil desse pesquisador? Como ninguém Wagner de Mello Elias sabia acolher esse livro no interior da tradição da filosofia política, lendo-o a partir dos problemas da linguagem, da imaginação e da natureza humana. O centro da tese é a oposição entre poder eclesiástico e poder político, ou seja, entre poder radicado na tradição e poder fundado na razão – conforme pretendia Hobbes defendê-lo. Mas a delimitação da tese se dá mediante o estudo do poder eclesiástico enraizado em uma comunidade submetida a uma ordem hierárquica e burocrática de poder. Essa ordem hierárquica cinde o poder de mando/obediência, pois estabelece um poder paralelo na sociedade civil, que é incontrolado na medida em que se funda na tradição e na interpretação dessa tradição. Poder eclesiástico e Bíblia, associados aos outros temas, mostram a originalidade das pesquisas do Prof. Wagner. O *Leviatã* não era tomado por ele como um texto de história da filosofia, mas como um texto-problema, do qual deveriam emergir questões abertas e ainda vivas, referentes ao exercício do poder na esfera das sociedades contemporâneas.

Parte desse modo de pôr os problemas advém de sua formação como historiador e cientista social. Não que essa formação tenha contaminado seu modo de fazer filosofia. Ocorreu o inverso: essa formação purificou o seu modo de fazê-la. Quem conviveu com Wagner de Mello Elias, creio que principalmente os alunos, deve ter sempre ouvido suas observações acerca do que era não fazer filosofia. Por exemplo, quem nunca ouviu suas clássicas observações sobre a diferença entre ciência política e filosofia política; entre o trabalho de arquivo do historiador e as reflexões sobre filosofia da história; entre as belas metáforas empregadas pelo literato e a periculosidade do trabalho não conceitual em filosofia. Toda essa assepsia que precedia e compunha seu poder de reflexão advinha de sua formação, que lhe auxiliava a isolar seus objetos, impedindo que o abundante arsenal de juízos não filosóficos viesse a contaminar o ângulo-problema com o qual trabalhava.

Talvez dessa mesma formação tenha lhe advindo o hábito do estudo, que deveria fazer parte de toda vocação genuinamente filosófica. Wagner de Mello Elias sempre conservou a capacidade singela e direta de transformar todo o desafio administrativo em possibilidade fecunda de

estudo. Desse modo, sem que o percebêssemos, tornou-se, dentre todos nós, aquele que ministrou o mais amplo leque de disciplinas e nas mais variadas áreas da filosofia. Excetuando Lógica, ministrou disciplinas nas outras quatro principais áreas que definem o currículo de um curso de filosofia no Brasil, a saber: História da Filosofia, Filosofia Geral: Problemas Metafísicos, Teoria do Conhecimento, e Ética e Filosofia Política. Wagner de Mello Elias percorreu não somente toda a escala das Filosofias Políticas, mas auxiliou o Departamento e o Instituto a cobrir ausências – por deficiência ou afastamento – nas mais diversas áreas. Essa *polimathia* somente se explica por um motivo fundamental: o hábito do estudo, que lhe permitia, sem nenhum artifício sofisticado, abranger novas e inexploradas áreas de conhecimento. Mas a excelência de seu trabalho também se mostrava quando podia fazer aquilo de que mais gostava. Quem teve o privilégio de assisti-lo discutindo esse assunto, jamais se esquecerá dos dois célebres cursos sobre Filosofia da Religião, que atraíram a atenção de todo o corpo discente.

Suas atividades sempre se concentraram no âmbito mais restritamente acadêmico e menos visível daquele elenco de atividades que justificam a contratação de um docente em dedicação exclusiva. Um exemplo disso foi sua participação constante e efetiva, desde 1997, na Comissão de Biblioteca, não abandonando essa atividade ao ter assumido outros encargos administrativos. Em primeiro lugar, ajudou a compor o acervo, que encontrou, em sua chegada, com aproximadamente 1600 títulos, e que hoje ultrapassa os 8000 títulos. Essa atividade é conjunta, mas Wagner de Mello Elias sempre esteve entre os maiores colaboradores, na cabeceira dos quesitos de quantidade e qualidade. Um índice claro disso é o nosso avantajado acervo de Filosofia da Religião, do qual ele foi um dos mais assíduos solicitantes. Nesses momentos, sua pouca exibida erudição se mostrava visível, e era comum ouvi-lo recomendar as melhores edições de algum texto. Em segundo lugar, Wagner de Mello Elias era um dos docentes, do antigo DEFIL e do atual IFILO, a manter presença ativa junto à Bibliotecária da área. Trata-se de um serviço invisível, no cerne da biblioteca, em que o docente é convocado para opinar sobre a classificação por assunto de uma obra, ou para ajudar a encontrar a melhor posição para a obra no acervo. Quem colhe os endereços das obras no computador e

passeia os olhos pelas estantes, não imagina o árduo trabalho prévio exigido para que haja a aquisição e a boa disposição do material bibliográfico, deixando-o do modo o mais acessível para a pesquisa. Desde 1997, o Prof. Wagner auxiliava o corpo docente nessas duas ininterruptas tarefas.

Também deu contribuição assinalada como Coordenador do Curso de Graduação em Filosofia, modalidades bacharelado e licenciatura. Foram cinco anos e oito meses de dedicação ininterrupta. Wagner de Mello Elias acompanhou todas as fases da implementação de mais um turno do Curso de Filosofia, favorecido pelo programa REUNE. Nesse sentido, frequentou todas as reuniões de implantação local desse programa; planejou, em nome da COCFI, todas as vagas anuais para contratação de novos docentes; negociou com as outras unidades acadêmicas a implementação das disciplinas externas oferecidas para o novo turno do Curso de Filosofia; organizou a adequação do espaço físico; e acompanhou a contratação de novos funcionários designados pelo programa. Ao lado disso, manteve todas as suas atividades habituais como coordenador de curso, pesquisador e professor do IFILO.

Com a Revista Educação e Filosofia, Wagner de Mello Elias criou uma forte simbiose, tendo acompanhado todo o processo de consolidação da Revista. Sua paixão pelo periódico se associa ao seu trajeto como professor da UFU, tendo travado diversas e fecundas relações com as atividades institucionais da revista. Já em 1998 Wagner de Mello Elias começou a atuar na Revista como revisor, convidado pelo Prof. Marcio Chaves-Tannús, que logo percebeu o seu perfil acadêmico. Depois disso, em 2000, migrou para o Conselho Editorial, em cujo seio adquiriu paulatinamente todo o tipo de experiência administrativa. Não somente atuou como diretor geral, secretário, diretor de editoração e diretor de divulgação, mas participava sempre das comissões que preparavam o material para disputar editais e sempre auxiliava na correspondência com os repertórios internacionais. Estava sempre pronto a substituir ausências e vacâncias, e era o principal encarregado de substituir o secretário geral, quando ocorria deste se ausentar. Desde o segundo semestre de 2007, com exceção de alguns números especiais, assinou todos os editoriais da Revista Educação e Filosofia, sempre registrando as novas colaborações trazidas pelos números que despontavam. Estava sempre aberto para assumir

novas tarefas, inserindo-se nelas com diligência e discernimento. Quando do seu falecimento, Wagner de Mello Elias atuava intensamente junto ao Conselho Editorial, ocupado em dar maior abrangência e visibilidade acadêmica ao periódico. Suas mãos sempre auxiliaram nesse trabalho no piso da edificação, que auxiliou a Revista Educação e Filosofia a formar o perfil que hoje ela apresenta, a saber, não mais o de uma revista com dois pequenos números que exibiam a produção regional, mas o de uma revista com três volumosos números anuais, com financiamento de agência de fomento, procurada por pesquisadores brasileiros e de outros países, e representada em vários importantes repertórios nacionais e internacionais. Junto com outros docentes, Wagner de Mello Elias fez parte dessa história. A ele manifestamos nossos sentimentos e aqui registramos nossa gratidão.

*Marcos César Seneda*

Membro do Conselho Editorial da Revista Educação e Filosofia